

## 7 Considerações finais

“O que importa é que as vidas não servem como modelos. Só as histórias servem. E é duro construir histórias sem as viver. Só podemos viver nas histórias que temos lido ou ouvido. Vivemos nossas próprias vidas através de textos. Podem ser textos lidos, cantados, experimentados eletronicamente ou podem vir de outros, como os murmúrios de nossa mãe dizendo-nos o que as convenções exigem. Qualquer que seja a sua forma ou o seu meio, essas histórias nos tem formado a todos e são elas que devemos usar para fabricar novas ficções, novas narrativas.”

Heibrun 1988, p. 37, *Writing a Woman's life*.

Foi através das histórias vividas pelas crianças em sua relação com o meio televisivo que pude perceber como se constituía sua relação com os desenhos animados da TV. Para entender tais histórias vivi junto com elas momentos que me permitiram contar parte dessa história situada, contextualizada histórica e socialmente. A partir de meus interlocutores teóricos, adentrei esse universo procurando olhar para a relação da criança com a TV da mesma forma como Benjamin (2002) percebe o convívio da criança com os livros.

Não são as coisas que saltam das páginas em direção à criança que as vai imaginando – a própria criança penetra nas coisas durante o contemplar, como nuvem que se impregna do esplendor colorido desse mundo pictórico. Diante de seu livro ilustrado, a criança (...) vence a parede ilusória da superfície e, esgueirando-se por entre tecidos e bastidores coloridos, adentra um palco onde vive o conto maravilhoso (p. 69).

O propósito deste trabalho foi o de contribuir com o campo da Educação trazendo uma reflexão sobre os modos de ser da criança na contemporaneidade, focalizando especificamente como se estabelece sua relação com a TV na perspectiva da Teoria da Recepção que, diversamente da Teoria dos Efeitos, entende a criança como sujeito crítico, produtor de sentidos. Assim, não foi minha

intenção aproximar-me dessa relação apocalíptica, nem integradamente (Eco, 1998). Compreendo o papel hegemônico da TV, entendo seu poder e presença no cotidiano das crianças, no entanto, como foi possível discernir nesse estudo, acredito que é um equívoco pre-julgar que a relação TV/infância ocorre necessariamente no sentido da dominação de “dóceis audiências” (Canclini, 1999). Assumir essa posição equivale a ceder a idéia tão combatida por Benjamin (1985) do determinismo da história. No momento atual, em que não dá para fechar os olhos para a presença gritante da TV no cotidiano das pessoas, admitir somente a potência manipuladora desse meio é ceder a esse determinismo, tornando-se cúmplice ou refém dos interesses do capitalismo pós-industrial. Criticando a social-democracia alemã que, ao acreditar no *continuum* da história, acabou permitindo a vitória do nazi-facismo, Benjamin (1985) nos incita a rompermos com essa tendência historicista de nos acomodarmos à história como se ela fosse um tempo homogêneo e vazio:

O materialista histórico não pode renunciar ao conceito de um presente que não é transição, mas pára no tempo e se imobiliza. Porque esse conceito define exatamente aquele presente em que ele mesmo escreve a história. O historicista apresenta a imagem ‘eterna’ do passado, o materialista histórico faz desse passado uma experiência única. Ele deixa a outros a tarefa de se esgotar no bordel do historicismo, com a meretriz ‘era uma vez’. Ele fica senhor das suas forças, suficientemente viril para fazer saltar pelos ares o continuum da história (Tese 16, p.230-1).

Diante disso, a questão que o estudo me permite levantar é a seguinte: que papel nos cabe, a nós profissionais da educação, frente à realidade, essa sim insuperável, da presença da TV no cotidiano da criança? Ficar insistindo no efeito maléfico dessa mídia, como o historicista, ou buscar modos de fazer saltar pelos ares o continuum da história, reconhecendo que, a partir das mediações, a TV pode fazer parte da leitura de mundo do sujeito? O intenso e extenso contato com as crianças da pesquisa me mostrou que a segunda opção é viável e necessária. E me mostrou, também, que essa viabilidade depende de uma concepção de infância que precisa ser construída fora do tempo homogêneo e vazio da história. Só assim é possível olhar para a criança hoje, a partir do que ela é capaz de ser agora. E uma das coisas de que a criança hoje é capaz, e precisa ser valorizada por isso, é de ser televidente ou receptora ativa das imagens da TV.

Trabalhar com a idéia de criança receptora implica, na perspectiva dos Estudos Culturais Latino-Americanos, tomar como elementos orientadores do

olhar que se lança à relação criança/TV o conceito de cultura, como modo de produção social, e o de mediação, como interação que se constitui na e pela cultura. A Teoria da Recepção, em sua aproximação com essa perspectiva, veio a contribuir para a construção desse olhar apontando para a possibilidade de produção de sentidos a partir dos referentes televisivos. Meu contato com as crianças mostrou-me o quanto os usos culturais da TV e as interações com os colegas da escola foram mediadores valiosos na produção de sentidos sobre os desenhos animados. Assim, percebi o quanto o olhar do outro foi constitutivo do olhar que as crianças lançaram para a TV. Nos diálogos, nos gestos, nos sorrisos os sentidos circulavam, modificavam-se e recriavam-se. Desse modo, as falas, as opiniões, os textos escritos, os desenhos foram produzidos por intermédio da troca de televidências. Foi, portanto, através das mediações e, conseqüentemente, nas relações sociais que as crianças se constituíram como sujeitos produtores de cultura.

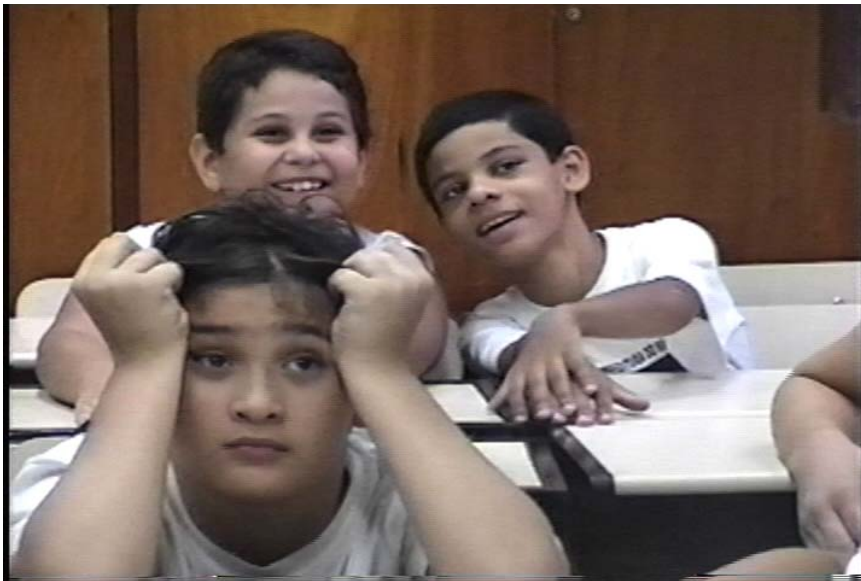


Figura 15 – Interagindo com os colegas ao ver TV

O que pude perceber nesse contato com as crianças é que elas, dentro do seu repertório, produzem sentidos legítimos para os desenhos animados e para sua relação com a TV, não percebidos pelos adultos. Interessou-me nesse estudo compreender um pouco melhor o cotidiano da criança na atualidade percebendo de que forma a mídia televisiva atua na construção da sua identidade infantil, questão que me parece primordial para a Educação. Como diz Gomez (2001), hoje

já não é mais possível entender a educação fora da televisão e das transformações profundas, cognoscitivas, emocionais e axiológicas que este meio promove nas audiências entendidas como o conjunto de sujeitos educandos. Assim como não é possível entender a televisão fora das audiências, das televidências e da educação. A TV é cada vez mais um meio complexo, mutante e diversificado e está sempre presente em nosso cotidiano, sendo, ao lado das instituições tradicionais, também responsável pela formação dos sujeitos. Por isso, a educação precisa estar presente na relação criança – TV.

Para sair desse lugar-comum que reitera que educação não combina com TV é preciso que se reconsidere essa questão. Educação e Comunicação estão indissociavelmente relacionadas e, a menos que reconheçamos isso, a escola tenderá a perder cada vez mais espaço para essa e outras mídias visuais que estão muito mais pr'oximas da criança e de sua linguagem do que a escola, uma vez que ela já nasceu nesse “agora” que os adultos ainda estão descobrindo. Diante disso, o desafio da escola é o de incluir essas novas formas de leitura como elementos de formação da criança.

Acredito que da mesma forma como os colegas de turma foram, nessa pesquisa, os mediadores por excelência nos momentos de produção de sentidos sobre os desenhos da TV, os professores possam ampliar essas possibilidades mediadoras oferecendo às crianças mais momentos de criação, discussão e comparação entre programas de TV para que, nessas diferentes trocas, as crianças possam ir se constituindo como sujeitos cada vez mais competentes na construção de sua televidência. Trata-se de, como sugere Gomez (2001), elaborar estratégias de intervenção pedagógico-lúdica que se constituam como mediações na interação das audiências com a TV e definir, quem sabe, algumas políticas de integração educação-comunicação-cultura que permitam uma vinculação realista e produtiva entre o sistema educativo e televisivo.

Benjamin (1985), em seu artigo “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”, reage à tese defendida por seus contemporâneos da Escola de Frankfurt de que o divertimento proveniente do rádio, do cinema e das revistas seria o inimigo da consciência crítica, uma jogada do capitalismo para transformar o povo em “massa de manobra”. Barbero (2001) considera que, com essa reação, o autor teria sido pioneiro em vislumbrar a mediação que permite pensar historicamente a relação das massas com a cultura. Para ele, essa atitude de

Benjamin está longe de se constituir como “otimismo tecnológico”: “nada mais distante de Benjamin do que a ilustrada crença no progresso” (p.87). Mesmo assumindo a perda da aura da obra de arte como resultado da barbárie, Benjamin afasta-se de seus contemporâneos, buscando vislumbrar na barbárie salvação para o homem. (Benjamin, 1985, p.166).

Guardadas as devidas proporções, é nessa direção – de pensar a TV a partir de conceitos não reapropriáveis pela ideologia do consumo – que proponho que a educação não é mais algo que possa prescindir da TV e dos demais meios de comunicação, ao contrário, deve procurar maneiras de dialogar com estes e integrá-los ao cotidiano escolar como mais um dos muitos modos de leitura capazes de promover uma pedagogia do olhar.